



CINEMA PARADISO

Boletim n. 302

São Paulo, 30 de novembro de 2011.



Próxima Reunião: 04/12/2011 – Domingo às 16 h.

O GAROTO DA BICICLETA (Le Gamin au Velo)

Diretor: Jean-Pierre Dardenne e Luc Dardenne (*)

(*) Os irmãos Dardenne (Luc nasceu no ano de 1954 e Jean-Pierre, em 1951) são belgas. Dirigiram diversos documentários, até estreamem em longas-metragens de ficção em 1987. Com **A Promessa** (1996) ganharam renome internacional e desde então são respeitadíssimos por realizarem um cinema denso e comprometido com questões sociais dos trabalhadores e imigrantes europeus. Realizaram **Rosetta** (1999), **O Filho** (2002), **A Criança** (2005), **O Silêncio de Lorna** (2008). As três últimas obras citadas foram debatidas intensamente em nosso grupo.

FESTIVAL DE BRASÍLIA 2011 – SEGUNDA PARTE

Outro ponto forte do Festival de Brasília (uma novidade): a inserção de curtas de animação na mostra principal, o que levou o público a ter de apreciar a 5 filmes por noite (portanto, um total de trinta filmes!).

O curta premiado pelo júri oficial e pela crítica foi **L** (SP, 2011), de Thais Fujinaga (prêmio de Direção). Trata-se de uma belíssima abordagem a impasses que acometem pré-adolescentes: a menina de 11 anos não se conformava em ser alta e ter pés grandes (daí seu apelido: “L”); o garoto amigo, portador de um cabelo crespo incomum em descendentes de orientais. Como lidariam com suas diferenças e particularidades?... Surpresa!...

Dou destaque para outros de que gostei muito: **Sobre o Menino do Rio** (RJ, de F. Jofilly); o ótimo **Um Pouco de Dois** (DF, de D. Araújo e J. Salomão) e o interessante **Premonição** (BA, de P. Abib). Todos de 2011.

Os curtas de animação – um universo a ser descoberto por muitos cinéfilos! -, por sua vez, tocaram em temas fortes: tortura mental, tortura física, violência em tons variados, solidão, crítica ácida à alta sociedade; para contrabalançar, temas leves como o segredo dos quindins, uma mala *factotum*, um caricaturista apaixonado e uma bela homenagem a Kafka.

Céu, Inferno e Outras Partes do Corpo (RS, 2011, de R. John) e **Rái Sossaiith** (SP, 2011, do cartunista Thomate) foram os escolhidos pelo júri oficial e popular, respectivamente. Dou destaque especialíssimo para uma bela animação: **Menina da Chuva** (RJ, 2010, de Rosária Moreira) – uma menina de cor diferente (vide ilustração desse artigo) se vê diante das diferenças reais e impostas pela sociedade e passa a almejar aquilo de que não dispõe. Como viver neste mundo? Para compor essa animação, de quase 7 minutos, foram necessários entre 4.000 e 6.000 desenhos manuscritos, num processo de 5 anos de elaboração (filmes assim são feitos na base de 1.000



“quadros” por minuto). Levou o prêmio Vagalume (do Projeto Cinema Para Cegos).

No ritmo de quero mais (sim, insaciável sou!...), ainda fui conferir outros 9 curtas de estudantes e iniciantes brasilienses da Mostra Brasília. Dou destaque para o excelente **Charutos Não Dizem Nada*** (de Pedro Valente). Na trama, um cinéfilo doentio, na pele de um personagem *gangster*, participa de uma jogatina. Com um amigo, tenta driblar um suposto “pato” de *poker*. Mas quando entra em cena o fator sorte, o azar não deixa por menos... e vice versa!

Aviso: pelo visto, estudantes brasilienses de cinema estão *feras* em seu ofício!

Curtas metragens são um belo caminho de iniciação ao cinema e muitos trabalhos são pequenas jóias. Ainda estão restritos a festivais de cinema. Assim, proponho uma campanha: todos os curtas deveriam fazer parte do circuito nacional de cinema, como, aliás, prevê uma lei federal, ainda em vigor, que dá guarida à exibição de curtas nacionais nas sessões regulares de cinema. Por que essa lei não é cumprida? A pergunta é retórica, mas

nossa ação pode ser efetiva no processo de reabilitação dos curtas metragens nas sessões de cinema. Mobilizemo-nos, pois!

... Aplausos em pé de um público exigente que cresceu com o rock e a pauleira dos anos de chumbo! Nem assim o impagável **Vou Rifar Meu Coração** (RJ, 2011, Dir.: Ana Rieper) levou qualquer prêmio...

...Coisas de festival!...

Marcos Paulino, de Brasília

**sic* (com erro de grafia título).

CURSO INGMAR BERGMAN: O Cinema da Angústia existencial

Nosso querido amigo Jorge Roldan ministrará o curso que abordará as várias fases da carreira do grande cineasta sueco, seus principais filmes, os temas recorrentes e o estilo fílmico que o levaram a ser considerado um dos expoentes da sétima arte. Escola Vésper - Rua Cristóvão de Burgos nº 52 – Ao lado da Estação Vila Madalena do metrô. Dias 31/01, 02,07,09, 14 e 16/02/2012. Das 19 às 22 horas. Custo: R\$ 150,00 à vista ou R\$ 170,00 em duas vezes. Inscrições: Magali Rolfen: magarolf@yahoo.com.br

Qual é o seu Número?, de Mark Mylod

Mais uma comédia romântica americana de quem ninguém mais se lembrará em poucos anos. Algo, porém, talvez escape aos críticos apressados, como o que recriminou o filme por um suposto sexismo.

O equívoco do crítico que acusou o filme de sexista está na sua inferência de que, embora a mulher não possa ter mais do que vinte relacionamentos com homens diferentes, ao homem não há limite porque sua imagem nunca é prejudicada. Ora, o filme diz o contrário disso. Colin, o vizinho de Ally Darling, teve centenas de relacionamentos, julga-se o máximo, porém sua reputação é péssima em termos de candidatura ao matrimônio. É o que dizem as amigas de Ally: ele é o tipo do sujeito com quem as mulheres transam antes de encontrar o futuro marido. Colin tem algo de Alfie, de qualquer das duas versões de **Como Conquistar as Mulheres**: acabaria solitário, não fosse o encontro com Ally, com quem tanto tem em comum. Como um elemento tão claro no roteiro pode escapar a um profissional da crítica? Aparentemente o crítico se deixou levar pelo suposto baixo limite permitido à protagonista e às mulheres em geral, enquanto o vizinho dela troca de parceiras num ritmo dez vezes maior.

Sem dúvida, há muito de século XIX no roteiro: o ideal feminino do casamento; a diferença entre homens e mulheres no que diz respeito ao papel social (eles voltados para a vida profissional, elas para o matrimônio); o que em outros tempos foi o tabu da virgindade se transforma num limite máximo de relacionamentos sexuais permitidos às mulheres, acima do qual a autoestima delas se rebaixa.

Entretanto, é outro o ponto central da narrativa. O que é posto em xeque não é propriamente o novecentismo dos ideais femininos, mas o sacrifício exigido para realizá-los. A característica mais relevante de Ally não é a ânsia pelo matrimônio, mas o caráter camaleônico, isto é, como no filme **Zelig** (Woody Allen, 1983), sua tendência de adquirir características das pessoas com quem se relaciona, por receio de ser rejeitada. Um dos trechos em que esse traço se evidencia ocorre quando Ally encontra o ex-namorado inglês e imediatamente passa a utilizar um sotaque igual ao dele. Ocorre o mesmo quando veste o terninho para ir atrás do ex-namorado que trabalha no meio político em Washington D.C. Em poucas palavras, ela é compelida a viver papéis que não correspondem à própria personalidade.

A cena de abertura se liga a esse aspecto, embora numa variante mais corriqueira. Ally acorda com um homem na cama, levanta-se e vai ao banheiro se recompor, literalmente retocar a maquiagem, pentear os cílios, para retornar à cama antes de o parceiro despertar e, assim, parecer bonita quando acorda. Ela quer agradar aos homens, mesmo ao preço da artificialidade. É curioso porque esse é o comportamento de uma quantidade imensa de mulheres, a quem o filme dirige uma ideia de espontaneidade no amor.

O problema de Ally tem origem na figura da mãe, que cobra dela um comportamento que a moça é incapaz de seguir. É a mãe que exige o casamento com qualquer bom partido, mesmo que às custas do esmagamento da personalidade da filha. Como se trata de um filme hollywoodiano, esse ponto do roteiro, além de se manifestar nas atitudes da mãe, é reiterado com todas as letras pelo pai durante a festa de casamento da irmã de Ally.

Há um crescimento notável de Ally no terço final. Até então ela não passava de uma maluquinha com tendência ao caráter Zelig nos relacionamentos com o sexo oposto. Nessa parte, o filme realça aspectos pouco agradáveis de sua pessoa, como a voz de taquara rachada, as feições pouco harmoniosas, a tendência à linguagem vulgar, inclusive palavrões. Perto do final, essas características se atenuam, às vezes pelo auxílio da iluminação sobre os traços físicos, mas com certeza devido à seriedade que transparece na personagem a partir do momento em que se dá conta de que está apaixonada por Colin e de que não pode ser feliz adaptando-se ao gosto dos candidatos a marido. A seriedade lhe cai bem, sem a impedir de fazer o que mulheres certinhas como sua irmã nunca fariam, como saltar o muro para entrar na festa de casamento em que a banda de Colin se apresenta, subir ao palco, tomar do microfone e falar a ele alterando a letra da música. Faz tudo isso não porque seja inconsequente, mas porque tem sérios objetivos: desculpar-se por ter jogado na cara de Colin o que as amigas dizem dele e, finalmente, para se declarar.

A princípio, Ally é uma tonta, mas não exatamente por dar atenção à pesquisa lida na revista feminina, que diz que apenas uma pequena porcentagem das mulheres que excedem vinte relacionamentos virão a se casar; sua tolice é interpretar esse número como um limite mágico que, se atingido, impediria o casamento. Péssima leitura do que é enunciado de forma clara várias vezes ao longo do filme, inclusive por ela mesma. Enfim, se não fosse esse equívoco, não haveria comédia. De qualquer modo, perto do final ela se dá conta de que é o seu caráter Zelig que a leva à infelicidade, o que, com outras palavras, é o que Colin lhe diz. A partir de então ela começa a pensar em termos que lembram mais os mais belos textos do filósofo americano Ralph Waldo Emerson do que os manuais para discípulas de Santo Antônio. Trata-se de uma educação sentimental, porém não com o substrato barato das habituais comédias e dramas românticos.

É curioso que, assim como a personalidade de Ally adquire profundidade a partir do momento em que se assume, o próprio filme deixa o estilo planar dos dois terços iniciais para se tornar mais modulado quando Ally e Colin começam a se envolver amorosamente. Talvez a primeira cena a trazer modulação estilística seja aquela em que se jogam nus no rio gelado: a iluminação é contrastada e, paradoxalmente, acolhedora. Já no apartamento, quando fazem os primeiros gestos em direção à relação sexual, que, aliás, não se consuma, o enquadramento se fecha, o ritmo narrativo se desacelera, a iluminação gera o clima de intimidade, closes se intercalam. Modular um filme de acordo com a necessidade de cada cena é algo que o diretor e o montador sabem fazer, ainda que noventa por cento das cenas sejam absolutamente chapadas.

Renato Pucci – Curitiba (PR)



COTAÇÃO 2011

<i>Homens e Deuses</i>	9,72
<i>Tetro</i>	9,57
<i>Meia-Noite em Paris</i>	9,39
<i>Cópia Fiel</i>	9,26
<i>Um Conto Chinês</i>	9,25
<i>Lola</i>	9,12
<i>Lixo Extraordinário</i>	8,96
<i>O Homem ao Lado</i>	8,96
<i>Biutiful</i>	8,85
<i>A Pele que Habito</i>	8,80

Edição / Diagramação:

Cláudia Mogadouro / Janete Felix Palma/ Marcos Paulino
E-mail: janetepalma@gmail.com